

Leitura de Domingo (1876-18--): uma alternativa para leitura de romances no Brasil

Izenete Nobre GARCIA* (Unicamp)

Resumo:

As informações sobre a popularização do romance quase sempre são (re)afirmadas tendo em vista a publicação de romances-folhetins nos rodapés dos jornais diários. Todavia, em meados do Oitocentos, França, Espanha, Portugal tiveram à disposição jornais que ofereciam “entretenimento [para]as horas de descanso de cada dia” (Biblioteca Recreativa, 1878) sem que estas narrativas em prosa ficcional estivessem necessariamente publicadas na coluna Folhetim/Variedades.No Brasil, em 1876, a Livraria e tipografia de Lombaerts & Cia iniciou a edição de um periódico no mesmo molde, chamado Leitura do Domingo(1876-18--). Com esse título sugestivo,publicava todos os sábados o periódico, almejando disponibilizar, ao grande público e ao especializado, os melhores e mais aclamados romances da Europa, notadamente da França,para servir de leitura dominical das famílias. Ao analisar esse periódico, essa comunicação propõe discutir, no simpósio "Arquivos, Fontes Primárias e Periódicos", a circulação transnacional do romance francês a partir da popularização de um modelo de periódico, especializado na publicação de narrativas em prosa de ficção.

Palavras-chave: Periódico, romance, *Leitura do Domingo*.

Introdução

Marlise Meyer afirma no livro **O folhetim: uma história** que a popularização do romance ocorreu, maiormente, no Brasil, a partir da coluna ao pé da página, na qual a presença de romances-folhetins era frequente. É senso comum que esse modelo, importado da França, conquistou o público brasileiro publicando de tudo, inclusive narrativas em prosa de ficção que depois dominaram o espaço nos periódicos diários. Que o romance-folhetim tenha se tornou o carro-chefe de alguns jornais diários, isso é ponto facilmente comprovável. Que os jornais se tornaram, por isso, um concorrente do mercado livreiro no que se refere à publicação de romances e divulgação de romancistas, também, muitas pesquisas já comprovaram. Todavia, o que não se sabe é que os folhetins nos jornais, diários ou semanais, não eram a única forma de difusão de romances, novelas ou contos no Brasil e em outros países, porquanto, o Oitocentos experimentou desde 1835 o surgimento de periódicos cuja finalidade era a publicação de narrativas em prosa de ficção.

*Doutoranda pelo Curso de Doutorado em Teoria e História Literárias do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: izenete@yahoo.fr

Esses periódicos eram publicações seriadas, publicadas uma ou duas vezes por semana, normalmente de quatro, seis ou oito páginas, contendo romances, quase sempre ilustrados. Estas folhas ofereciam dois romances e, algumas vezes contos e novelas a cada edição. Não apresentavam propagandas ou anúncios como estratégia de financiamento de parte da edição como era comum aos jornais do período, além de se particularizarem por serem edições específicas e não suplementos de periódicos diários como tantos que existiram, a exemplo do *Le journal pour tous*, suplemento do jornal diário *Journal* ou do *A Noite*, suplemento do *Jornal da Tarde*. É necessário explicitar que a publicação de romances não ocorria no espaço ao pé da página, mas no corpo todo do periódico.

Ocupando o corpo inteiro, e não apenas os rodapés, esses periódicos, tornaram-se comum na França desde meados do século XIX, provavelmente como importação de um modelo já existente na Inglaterra. Os jornais-romances, como o define Claude Witkowski, conquistaram espaço, tornando-se uma epidemia em Paris, a ponto de, a partir de 1860, quase todas as províncias da França editarem um ou dois desses modos de publicação. Assim, o que a princípio parece ter sido uma forma de vender jornais e escapar da falência iminente, conforme demonstra Jean Yves-Mollier em **A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre História Cultural** (2008), tornou-se, nos termos de Michel Gillet no artigo **Dans le maquis des journaux-romans: la lecture des romans illustrés** (1986), uma nova forma de conceber e de se apropriar do romance, porquanto ler num veículo próprio para narrativas e com a presença de ilustração causava um efeito diferente se a mesma narrativa fosse lida na coluna folhetim de jornais diários onde a fugacidade e a rapidez da informação são algumas características essenciais, rompendo a instabilidade do “rez-de-chaussée”, ainda mais quando a ilustração começava a ganhar espaço, tornando-se uma nova possibilidade de investimento atrativo para o público.

Segundo Michel Gillet (1986, 59), a partir de 1855 esse novo modo de publicação conquistou tamanho sucesso que era possível encontrar várias publicações do mesmo tipo em várias províncias francesas: **Paris**: l'Omnibus (1856), Roger Bontemps (1857) Les Bons Romans (1860), Les Feuilletons Illustrés (1872), Les Délassements Illustrés (1872), Le Conteur (ancien Journal de la Guerre), le Soleil du Dimanche, le Bon Journal (1885); **Toulouse**: Le Roman Illustré; **Bordeaux**: Les Romans du Jeudi, Les Grands Feuilletons Illustrés du Jeudi, Les Grands Romans Illustrés du Dimanche; **Lyon**: Le Petit roman-feuilleton (1874-1883); **Montpellier**: Les feuilletons populaire du dimanche; **Marseille**: Le Roman : journal des feuilletons marseillais (1873-1884), Les Romans Inédits (1896),

Mes Romans (1902), Les Grands Romanciers (1903), Les Romanciers Populaires, Le Journal des Romans Populaires Illustrés (1904), Le Conteur Populaire (1904), Mon Bonheur (1905), Lectures Romanesques.

Esse nicho editorial atraiu diversas empresas tipográficas, ampliando a cada dia a variedade de publicações tanto na França quanto em Portugal, Espanha, México, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e Brasil, como podemos notar em apenas alguns exemplos a seguir :



Além de objetivos semelhantes, é possível perceber características comuns entre eles, como títulos, diagramação e ilustrações.

No Brasil, com a justificativa de “desenvolver o amor à leitura no meio das classes sociais menos favorecidas da fortuna” e “fornecer a seus leitores os melhores romances dos principais autores conhecidos”, alguns editores do Rio de Janeiro e de São Paulo alguns editores do Rio de Janeiro e de São Paulo encetaram a publicação das folhas que

pretendiam facilitar a aquisição e leitura de romances, como as a seguir: *Jornal para todos* (1869-18--); *Leitura do Domingo* (1876-188?); *Bibliotheca Recreativa* (1878); *Jornal-folhetim* (1886-18--) etc.

De acordo com o programa do jornal *Espelho Fluminense* (1843), “há pouco tempo ainda era duvidoso que os periódicos tomassem a si o direito de publicar novelas e romances”, no entanto, “os romances nos periódicos, quando escritos com o fim de moralizar e instruir, tem um alcance muito mais subido”. É justificando a eficácia do romance para fins de entretenimento e instrução que folhas como essa iniciaram a publicação romances, a fim de preencherem as “hora[s] de recreio”. Ainda, em 1869, o *Jornal para todos* (1869-1870), afirma que “o romance é a mais convidativa e a mais insinuante das formas literárias para se conseguir [...]”a instrução do povo. (JPT, 01/03/1869, p. 1).

Excetuando o *Jornal-folhetim*, os jornais brasileiros traziam quase sempre dois romances cada um com uma ilustração da cena principal do capítulo daquele dia. Não se tratavam de suplementos, mas de um jornal independente que circulava em todas as regiões do país, nos quais se poderiam ler escritores reconhecidos do público leitor de folhetins, como: Xavier de Montépin, Paul Féval, Daudet, Xavier de Briey, Ponson du Terrail, Alexandre Dumas, Eugène Sue etc.

Exemplar desse objetivo de preencher as horas de ócio do público, foi a edição, em 1876, do jornal **Leitura do Domingo** (1878-18--), cujo intuito era publicação dos melhores romances da Europa. A esse respeito, o jornal **A Nação**, ed. 06, de 10/01/1876 dá ao público a seguinte notícia:

Com este título encetaram os Srs. Lombaerts & Cia. a publicação de um periódico no gênero do *Dimanche* de Paris.
Traz romances e primorosas gravuras em madeira e é de esperar que encontre bom acolhimento por parte do público. (**A Nação**, edição 00006, 10/01/1876).

Já o **Gazeta de Notícias**, publicado no Rio de Janeiro, no mesmo ano, informa:

A casa editora do sr. Lombaerts & Cia veio prestar um belo serviço aos apreciadores de romances, com a publicação da *Leitura do Domingo*, coleção ilustrada dos melhores romances que se tem publicado na Europa.
O primeiro número que ontem recebemos, enceta a publicação da “Choupana do Proscripto” por Gustavo Aimard e do “Parricida” por

Adolphe Belot et Jules Dantin. Duas belas gravuras tornam este número apreciável e no prospecto, que também nos foi enviado, promete-se aos assinantes uma crônica semanal. Felicitamos os srs. Lombaerts pela sua idéia, que acreditamos será perfeitamente acolhida em todo o império. (**Gazeta de Notícias**, edição 00007, 07/01/1876)

Também sobre o lançamento e provável sucesso do jornal, a seção intitulada “Bibliografia” do jornal **Imprensa Industrial**, de 10 de setembro de 1876, reporta a publicação do periódico da seguinte forma:

Fomos obsequiados com alguns dos primeiros números da *Leitura do Domingo*, interessante publicação semanal de romances traduzidos dos melhores e mais festejados autores, ilustrada com vistosas gravuras em madeira.

Os editores deste jornal, os srs. Lombaerts & C., acreditados livreiros e encadernadores desta corte, são dignos de toda a animação pública, pois à excelência de sua tão interessante publicação juntam a modicidade de um preço que a põe ao alcance de todas as fortunas. (**Imprensa Industrial**, 10/09/1876).

Os anúncios, notas e bibliografias sobre o periódico **Leitura do Domingo**, tanto no Rio de Janeiro como em outras províncias, demonstra que a empresa obteve bastante repercussão em sua época, disputando espaço com outras folhas de assuntos variados.

A partir de 13/05/1877, além de sofrer modificações em sua diagramação, o jornal teve seu título modificado para **Biblioteca Romântica**, denominação, segundo a qual, de acordo com os editores, melhor se poderia definir o caráter de “coleção de romances”:

“A *Leitura do Domingo*, interessante publicação que tão justo sucesso tem obtido, passa a ter o título mais adequado de Bibliotheca Romântica. Sofreu também uma importante modificação, que consiste em imprimir os romances de modo que possa cada um ser encadernado separadamente. (**Gazeta de Notícias**, edição 000132, 15/05/1877)

A data exata de término do jornal é difícil precisar, pois não temos exemplares suficientes e nem dados nas bibliografias da imprensa brasileira que nos permitam concluir com precisão uma data. Os exemplares do BN, bem como seus anais, induzem a apontar a data de 1877, no entanto, as edições de 1877-1880 do **Almanak Laemmert** ilustram o jornal **Leitura do Domingo**, embora já tenha mudado de nome para Bibliotheca Romântica, como um dos periódicos que se publicam na Corte, além de indicar o editor como único agente de jornais franceses e belgas no Brasil.

Ao que parece, o editor belga H. Lombaerts, instalado no Rio de Janeiro, adotava uma estratégia bem comum em sua linha editorial ao copiar modelos de sucesso na Europa, ajustando-os os interesse do publico brasileiro e ao idioma nacional. Em todas as edições o livreiro fazia questão de esclarecer que estava publicando uma edição brasileira de periódico de sucesso em Paris.

Analisando o caso do *Leitura do Domingo* é possível notar que alguns romances foram traduzidos especialmente para a folha ao mesmo tempo que ainda estavam sendo publicados em Paris, como, por exemplo, o romance **Miguel Strogoff**, de Julio Verne, que ainda estava sendo publicado no **Magasin d'Education et de Récréation** (de 01/01/1876 a 15/12/1876), quando começou a ser traduzido e publicado no **Leitura do Domingo**.

Ainda no mesmo ano, um mês depois de aparecer nas páginas do **Leitura do Domingo**, o primeiro volume do romance foi publicado em português, no formato de livro, no Brasil, pelo editor B.L. Garnier. Em 21 de dezembro de 1878, uma tradução do romance, feita por Eduardo Garrido, foi encenada pela companhia dirigida pelo artista Furtado Coelho no teatro São Pedro de Alcântara, conforme se pode constatar nos anúncios publicados no jornal **Gazeta de Notícias** a partir do dia 15 do mesmo mês.



Figura 1: Gazeta de Notícias, RJ, 15/12/1878

Além da interpretação feita por Furtado Coelho, outras disputaram espaço como a encenação ocorrida no teatro Brazilian-Garden, de acordo com o anúncio anteriormente citado.

O circuito, estabelecido a partir do jornal é intrigante para se questionar quanto ao sucesso ou não desse tipo de periódico em terras nacionais. Por exemplo, o romance **Choupana do Proscrito** foi publicado primeiramente no jornal de romances, depois apareceu na coluna folhetim do jornal diária **Gazeta de Notícias**.

Se não é possível afirmar que esses periódicos no Brasil iniciam um circuito de difusão do romance francês em território brasileiro ao menos se pode rever a forma como eles foram popularizados ou como chegaram no Brasil.

A publicação de periódico como o descrito acima demonstra as possibilidades e variedade de aquisição e leitura de romances que não apenas por meio de compra de volume impresso em livro ou da leitura na coluna folhetim dos jornais diários, pois foram criados para disponibilizar romances que ainda eram “a mais convidativa e a mais insinuante das formas literárias para se conseguir este fim” (**Jornal para todos**, Ed. 0001, 01/05/1869).

Contendo dois romances e, posteriormente, um ou dois contos, a depender do periódico, esse modelo de publicação trazia as narrativas em prosa de ficção publicadas de forma seriada tal qual se fazia na coluna folhetim. O certo é que não somente na França, mas em outros países esse mesmo formato veiculou os romances, embora não se saiba ainda se com a mesma repercussão de venda que adquiriram os jornais diários, uma vez que não trazia informações sobre política, economia ou variedades, nem mesmo anúncios. Concorrendo com os diários, esse novo formato obteve sucesso permanecendo a até aproximadamente a primeira guerra mundial.

Assim como na França, na Espanha, em Portugal e no Brasil, esses jornais tornaram-se mais uma alternativa para a leitura de romances. Além de objetivos semelhantes, é possível perceber características comuns entre eles, como títulos, diagramação e ilustrações.

Referências

BELLO, Oliveira. *Imprensa Nacional (1808-1908): Apontamentos históricos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

- CEDILLO, Alberto Villegas. La novela popular mexicana en el siglo XIX. Universidad Autónoma de Nuevo León,
- DOYLE, Plinio. História de revistas e jornais literários. Vol I. Ministério da Educação e Cultura/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976.
- FLEIUSS, Max. Páginas de História. 2 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930.
- FONSECA, Gondim da. Biografia do jornalismo carioca. Rio de Janeiro: ????, 1947.
- FREITAS, Affonso A. de. A imprensa Periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1915.
- GRUZINSKY, Serge. “Vents d’est, vents d’ouest”. Les quatres parties du monde: histoire d’une mondialisation. Paris: Éditions de La Martinière, 2004, pp. 17-41.
- INFANTES, Víctor et Alli. Historia de la edición y de la lectura em España (1472-1914). Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2003.
- JOBIM, José Luis (org.). Trocas e transferências culturais: escritores e intelectuais nas Américas. Niterói, RJ: EDUFF; Rio de Janeiro: De Letras, 2008.
- LOBO, Luiza (org.). Globalização e literatura: discursos transculturais. Vol. I. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- MARTÍN, Jesús A. Martínez. Lectura y lectores em el Madrid Del siglo XIX. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1991.
- MARTINS, Ana Luiza. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EdUSP, 2001.
- MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania. A História da imprensa no Brasil.
- MOLLIER, Jean-Yves. A Leitura e seu público no mundo contemporâneo: Ensaio sobre História Cultural. Trad. Nazarian, Elisa. Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2008.
- NASCIMENTO, Luiz. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). Vol IV. Recife: Imprensa Universitária/ Universidade Federal de Pernambuco, 1969.
- _____. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). Vol V. Recife: Imprensa Universitária/ Universidade Federal de Pernambuco, 1970.
- _____. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). Vol VI. Recife: Imprensa Universitária/ Universidade Federal de Pernambuco, 1972.
- NOBRE, Freitas. História da imprensa de São Paulo. ???
- SERRA, Joaquim. Sessenta anos de jornalismo: A imprensa do Maranhão (1820-1880). Rio de Janeiro: Editores Faro & Lino, 1883
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- HOHLFELD, Antônio. Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

ARTIGOS

- GILLET, Michel. Dans Le maquis dès journaux-romans: la lecture dès romans illustrés. In: Romantisme, 1986, n° 53. Littérature populaire. pp. 59-70
- GILLET, Michel. Machines de romans-feuilletons. In: Romantisme, 1983, n°41. pp. 79-90.
- RIBBANS, Geoffrey. *La desheredada*, novela por entregas: apuntes sobre su primera publicación. In: Biblioteca Virtual Universal. 2010. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/155185.pdf>. Acesso 20 jul 2013